

Bando Escolástico

da Festa da
Academia Vimaranesse

O SÃO NICOLAU

Que, em horas de saudoso recordar,
um Velho Nicolino compôs e ornou
com laivos do seu amor à Tradição
e enternecido culto da Festa Estudantil
e respeitosamente consagra e dedica:

- Ao Douto Professorado do Liceu de Guimarães.
- Aos Velhos Nicolinos, professores e alunos.
- A' memória dos Velhos Nicolinos falecidos.

//

*As palavras da Amizade
Sincera, com devoção,
Dita-as a voz da Saudade
E guarda-as o coração.*

M. S.

Tipografia Ideal — Guimarães

DONA MINERVA AUGUSTA PALAS ATENEIA,
DE OLIMPICO 'SPLENDOR AUREOLADA E CHEIA,
A' VOZ DE JÚPITER E DA CIÊNCIA, EU MANDO
QUE ESTE ANO AINDA SAIA MAIS UM BANDO
DAS MINHAS LEGIÕES, GARBOSO, NOBRE E FINO,
HONRANDO A TRADIÇÃO E O ESTRO NICOLINO!
EM NOME, POIS, DA ANTIGA E GLORIOSA GREI,
CUMPRAM-SE O ESTATUTO E A RIGIDEZ DA LEI!

* * *

Alerta, Juventude, ó nobre Academia!
E' cada vez mais nobre a nossa galhardia!
O intruso que surgir, por ardiloso e astuto,
Terá que respeitar à letra o ESTATUTO!
Maldito o que manchar, a dentro Irmandade,
O cunho secular da sua hilariedade!
A' luz dos *fogaréus*, sujeito a sorte igual,
Irá de *sambenito* à Praça do Tournal,
E, como *réu relapso*, em vil delito incurso,
o *bico calará*... sem interpor recurso...

Saudemos Guimarães, a sua *Edilidade*,
Da Grei Gualteriana o tradicional bairrismo,
Do *Gran Martins Sarmento* a douta *Sociedade*,
A Fé, o Pátrio Amor, a Crença e o Civismo.

Uma após outra vão morrendo as ilusões...
A vida tem seu termo e tudo tem seu fim...
Da vida a eterna luta e da sorte os baldões
Destroem lentamente a torre de marfim.

Um hino de louvor e glória a *Nicolau*,
Eu quero que entoeis com alma e com ardor.
Quem temerá seguir por um caminho mau,
Se o Santo é Nosso amigo e Nosso protector?

Do *Paço Nacional* a inconfundível traça
De gótica feitura e gosto medieval,
Será o documento vivo duma Raça,
Honrando Guimarães e o velho Portugal.

O' Velhos, recordai com íntima saudade,
Vosso antigo Liceu, de egrégios Professores!
Fanal que iluminou a vossa Mocidade,
No magistral saber dos Cónegos Doutores!

Bem mais felizes, sim, os Novos vão fruir
Liceu Monumental de traça original!
Ressurge Guimarães! Na senda do Porvir,
Um marco ficará honrando Portugal.

O' velho nicolino, eu quero recordar,
O teu amor d'outrora a Santa *Sôr'Aninhas*,
Aquele que p'ra ti foi anjo tutelar,
Que o bem te desejou... por quem desvelo tinhas...

Um poema de carinho e eterna gratidão
E' justo que guardeis no peito a chama viva,
Pois ela nos valeu em *horas de aflição*
E para todos foi como mãe adoptiva.

Iris de nova luz em novo dealbar,
Alerta, *Guimarães*, que a Aurora se desenha:
Ao sol de Agosto ou noite argêntea de luar,
Tel'férico veloz, a dominar a Penha!

O *Matadouro Novo*, o *Parque do Castelo*,
O *Estádio* a despertar de prolongado sono,
E agora restituído ao seu estilo belo,
São Domingos, o templo outrora ao abandono.

Do magistral *Quartel*, acomodando o *Seis*,
Da tal *Cavalaria* — a *Eterna Desejada*,
No dia em que o souber, também o sabereis...
Foi terra que *deu pão*... e agora *não dá nada*...

Obra de fino gosto e pura *Renascença*,
São Dâmaso, ó igreja típica e papal,
Recordo o teu passado de fervor e crença,
Teu grito de lamento e dor de nada val'!...

O *azeite e o bacalhau*, outrora sempre *unidos*,
Fugiram para longe e, agora divorciados,
Vivem em desavença, eternos perseguidos,
Enquanto *chora o Zé o mal dos seus pecados*.

Se a sorte te tentar e for's à *T'levisão*,
Inchado de saber, à cata de dinheiro,
E o *caco te falhar* ao *Primeiro Escalão*,
Arriscas-te a fazer *figura de sendeiro*...

Do *Novo Tribunal* o típico edifício
Seu vulto já ergueu esbelto e altaneiro,
Qual poema de amor, com fé, sem artifício...
Entoando ufano e belo o *Cântico Primeiro*.

Da nobre *Mumadona* a estátua viril,
A' sombra protectora e austera das muralhas,
Afrontará com brio heróico e varonil
O ímpeto infernal e o fogo das batalhas.

Um *caso original* eu vi, se bem me lembro,
Ao luar duma manhã de fria madrugada:
Um *morto a dormir*, em gélido novembro,
Ao longo da *vitrine*, em *cama ardente armada*!...

Na *zona do Liceu*, *aquelas avenidas*,
(O' *peregrino ardor*, que tanto a vida embargas!)
Dizem os *empatões* que são *demais compridas*...
E *ficam a perder* por serem *pouco largas*...

Lembraí José de Pina e os Velhos Nicolinos,
Amigos da Função, tornados *imortais*!
E aqueles que, em *rigor de sãos alexandrinos*,
Cantaram sua glória, em *versos magistrais*!

A típica avenida, *honrando Salazar*,
Será como quereis: *uma outra rodovia*,
Cheia de sol e luz, toda nimbada de ar!...
— Um quadro divinal de sonho e de magia!

Descobre-me, ó *Sibila*, aonde existe e pára
(Que um dia o criminoso inulto se desvenda!)
A mão nefanda e vil dessa pessoas ignara,
O inigma em que se enconde o autor da *gesta horrenda*!

O' *miseros tafúis*, *nojentos Teddy-boys*,
Toninhos sem vergonha, a mente atreita ao mal,
Eu digo-o com pesar: infelizmente sois
Um mal que não queria ver em Portugal.

Vós passareis a vida, entregues aos baldões
Da sorte a demandar um téntrico destino!
De nada servirão *barbichas*, *matacões*...
E a louca pretensão d'um *berço diamantino*.

De *jalequinha verde e rachada ao meio*,
Marrafas feminis ao alto entopetadas,
Remédio a aplicar (eu próprio já ditei-o):
E' darem-vos os pais *um par de bofetadas*.

Soquetes de carmim, que sorte vos espera,
Se a *Ordem vir* um dia já a medida cheia?
O típico pitéu a ministrar-vos era:
Açorda de lagosta ou *toras de lampreia*!...

O' *loucos foliões*, a vossa *insensatez*
Que é filha da *maldade a campear infrene*,
Por certo, tem seu dia... e findará de vez...
Todo o rigor da lei vos julgue e vos condene!...

D'alí, do Alto do Cano, o *mágico pinheiro*,
Que à Festa pontifica e, defendendo, abona,
Também virá saudar, *qual místico romeiro*,
O *Bom São Nicolau* e a *Augusta Mumadona*!

Em tempos que lá vão, a Velha Academia
Que Bráulio proclamou *nobre, gentil, briosa*,
Foi qual *dama de honor* de *fina fidalguia*,
E o Vate a celebrou em *Lira cor de rosa*.

Alerta, Portugal! Se o tribunal da *Haia*
Souber fazer justiça, o Mundo o louvará!
Que a honra do País enaltecida saia,
Vingando a afronta vil e o sangue de Dradá!
E o Ditador Marata, entregue a desatino,
Temendo do Inimigo as fúrias satânicas,
Já julga ver ao longe o Tibetano e o Chino
Passarem o Himalaia e as cristas hindustânicas!

A desafiar do tempo e a própria eternidade,
Oíço a *marreta* e a *broca* a retinir cantantes
Penedos, por desgraça! *há tantos na cidade*...
Que não dão *hera e musgo e líquens verdejantes*.

Este ano a *Legião Invicta do Vitória*
Cruzando o continente e as terras africanas,
Com maior brilho ornou a sua bela história
Num hino de louvor às *Quinas lusitanas*.

Glórias de Guimarães! Num sonho que acalenta
Meu doce recordar de fundas simpatias,
Eu lembro *Eduardo d'Almeida* e *Alfredo Pimenta*;
Alfredo Guimarães, *Brandão*, *Malheiro Dias*!

Deixai sorver o Povo o *néctar de Falermo*
E os mimos deste sol de *Virão de S. Martinho*!
A vida é para nós interminável ermo...
E' tempo de *castanha!* E' tempo de *bom vinho!*

Damas de Guimarães, é justo recordar
O vosso coração, por vezes feito altar
Da mais sublime e pura e santa devoção
Aos *Filhos de Minerva*, em culto à *Tradição*!
Um pomo original, de sonho e de magia
Viremos ofertar, quando chegar o dia.
Quisera possuir a força sobrehumana
E o *estro genial da Lira Brauliana*!

Possam infundir medo os interplanetários
Sputniks de poder e de formatos vários,
Sulcando e devassando o vasto espaço etéreo;
Possam fazer do mundo um vasto cemitério,
Saudar a linda *Febo* e audazes *alunar*...
Possam *comprar, vender, terrenos averbar*,
Domar o Ser Humano, *avassalar o Mundo*,
A Terra sujeitar a um pânico profundo...
Conter do *moscovita o engenho sobrehumano*...
Levar a Humanidade a um triste desengano...
Da *Parca* a voz dirá: *Dois mil só viverás*...
Mas não irás além... daí não passarás...
E os bombos de *Minerva* passarão ovantes,
Sempre mais gloriosos, firmes e troantes!...

FIM

Laus Deo et Nicholao I

**Fridie Festi Sancti Nicholai Episcopi
Anno Domini Millesimo Nongentesimo
Quinquagesimo Nono Mensis Decembris.**

Scrisit: TORQUATUS MENDUS SIMONIDES

Declamavit: ARNALDUS a SOUSA LUPUS.